

Relatório

# Registo de descrição

Data relatório

2022-12-07

Registo

PT/AMAP/FAM/AALP/01-02-02/002-017/10-29-6-7-27 - Carta de Alfredo Pimenta para Oliveira Salazar

<b>Nível de descrição</b>	D
<b>Código de referência</b>	PT/AMAP/FAM/AALP/01-02-02/002-017/10-29-6-7-27
<b>Tipo de título</b>	Atribuído
<b>Título</b>	Carta de Alfredo Pimenta para Oliveira Salazar
<b>Datas de produção</b>	1941-11-22 - 1941-11-22
<b>Dimensão e suporte</b>	6 f. (30 x 21 cm); papel
<b>Entidade detentora</b>	Arquivo Municipal Alfredo Pimenta
<b>Âmbito e conteúdo</b>	A admiração por Oliveira Salazar e as sugestões do Presidente do Conselho em relação a uma conferência.
<b>Indexação onomástica</b>	Pimenta, Alfredo Augusto Lopes. 1882-1950, historiador, poeta e escritor, Salazar, António de Oliveira. 1889-1970, professor universitário e político
<b>Tradição documental</b>	Cópia
<b>Tipo técnica de registo</b>	Manuscrito
<b>Assinaturas</b>	Alfredo Pimenta
<b>Condições de acesso</b>	Comunicável
<b>Condições de reprodução</b>	A reprodução deverá ser solicitada por escrito através de requerimento dirigido ao responsável da instituição.
<b>Aspetto físico</b>	Bom
<b>Cota atual</b>	10-29-6-7-27
<b>Idioma e escrita</b>	Portuguese
<b>Escrita</b>	Latin
<b>Unidades de descrição relacionadas</b>	[PT/AMAP/AALP/133-017/10-29-6-7-28]
<b>Notas de publicação</b>	Erro: não foi possível mostrar o sub-relatório.

## Transcrição

1941  
rb domingo 23-11  
n.º 389  
Lisboa  
Sábado

Ex.mo Snr Presidente do Conselho: - como quer V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> que eu não o admire e respeite, à margem mesmo da sua obra de Governante que se impõe à admiração e respeito de toda a gente - se V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> é tão delicado e atencioso para mim, e revela tão grande amizade intelectual por mim, como se traduz na sua carta de Ontem? Não sei o que o Futuro nos reserva, porque esse só a Deus pertence. Seja qual for ele - ninguém poderá vencer a sinceridade desinteressada com que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> se defronta quando se cruzam. Os nossos caminhos, e a delicadeza excepcional com que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> me acolhe.

V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> bem vê: ando neste combate unicamente pelo Bem alheio. Tudo, se se tendesse às minhas conveniências pessoais, me aconselhava o silêncio e a quietude. Mas eu entendo que devo desempenhar a missão que me impus, para cooperar na obra que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> realiza, e, na pior das hipóteses, ultrapassar mesmo as suas intenções definidas, concorrendo para a cimentar e desenvolver. Não quero nem preciso que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> me seja grato: basta-me que, hoje ou amanhã, V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> o reconheça.

Quanto propriamente à carta de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> eu não lhe mandei a minha conferência e o meu artigo para que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> se substituísse à Censura. V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> compreende: não o ofendo se lhe disser que tenho na sua inteligência e compreensão uma confiança que não tenho na inteligência e compreensão dos outros. E portanto, o que pretendo é que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> vendo e compreendendo melhor, evite os estragos da insuficiência ou incompreensão.

Em 15 de Dezembro de 1940, há perto de um ano, V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> escreveu-me: «em casos muito raros, de delicadeza extrema, eu poderia abrir ainda para com V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> alguma excepção».

Nunca mais enviei a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> fosse o que fosse meu - até agora. E, no caso da minha conferência é, por todos os motivos, de «delicadeza extrema». Estou justificado?

Na verdade o que eu pretendia era publicar na íntegra o que disse, para que se me não atribuisse o que não disse, nem, em certos casos, era capaz de dizer. Mas V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> é digno de que eu lhe sacrifique os meus mais legítimos melindres.

E assim na minha conferência, eliminarei o que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> considera «particularmente inconveniente».

Quanto aos lugares que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> diz serem «porventura susceptíveis de interpretação correcta», mas que podem ser interpretados diferentemente, mantenho-os, porque nada há a modificar no que é passível de interpretação correcta. V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> quando fala ou escreve, não pode ter em conta as interpretações insensatas.

Quanto ao artigo - faço a vontade a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, e elimino o que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> deseja, Graças a Deus, as observações de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> recaem sempre sobre «inconvenientes». O que me apoquentaria seria que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> me dissesse que era falso ou mentira. Isto basta à minha consciência de português, e aos meus sentimentos de estima por V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>. Naquilo do monumento aos regicidas, efectivamente destruído, de quem é a culpa? Deste sistema de se fazerem certas coisas às escondidas. Devia ter-se publicado largamente, como lição, o que se fez porque destruir esse monumento infamante não foi crime ou pecado: foi cumprir um dever moral.

De V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> com a mais subida consideração, m.to att.º v.or e obr.º

A.P.